



A TRANSPARÊNCIA DA CLAREZA

José Maria Silva

A TRANSPARÊNCIA DA CLAREZA

Índice

INÍCIO	2
I - A OPACIDADE DA ESCURIDÃO	3
II - LUZ ABUNDANTE	4
III – ILUMINAÇÃO ZENITAL	6
IV – LUZ SOBRE O PASSADO	9
V - CLARIDADE ATRAVÉS DAS LENTES	11
VI – CORES LUMINOSAS	12
VII – FEZ-SE LUZ	16
FIM	20

INÍCIO

- Violeta, finalmente chegaram os catálogos que a doutora Dália encomendou!
- Deixe-me ver, Sr. Chaves. O quê?! Este enorme é só sobre a Idade Média? Aposto que é por aqui que ela vai começar a pesquisa! Vou levar-lhos, já tem com que se entreter ao serão.
- Sim, entregue-lhos, se faz favor!



A OPACIDADE DA ESCURIDÃO

Três da manhã. Estava sem conseguir pregar olho havia duas horas. Levantou-se, acendeu a luz e foi fumar um cigarro para a sala, de pé, junto à janela das traseiras.

Lembrou-se, a propósito deste maldito vício, dum artigo que lera recentemente, no qual o autor dizia que quem começa a fumar cedo no dia pode ter mais problemas de saúde do que os que começam só a meio da manhã, ou depois do almoço, mas achou que as noites de insónias não deviam contar...

Pela janela entreaberta reparou numas luzes em movimento para lá do muro, pareciam-lhe lanternas ou algum carro com movimentos irregulares, como se estivesse a manobrar. Aquilo era muito estranho, conseguia ouvir vozes de homens, mas sem perceber o que diziam. Pareceu-lhe distinguir cinco ou seis vultos, mas tudo pouco nítido, devido à folhagem e troncos das árvores. Ouvia mal, qualquer coisa a raspar ou peças de metal a baterem umas nas outras, mas sem clareza suficiente.

O terreno por trás do muro era uma mata com algum arvoredado, cujo acesso se fazia por uma estrada de terra junto à praia.

O Tejo estava calmo, nem parecia o mesmo, que dá sinal ao mais pequeno vestígio de agitação. Devia estar a dormir na casota, mas nem um latido sequer. Outro motivo de preocupação, aquele animal ladrava por tudo e por nada. Vestiu o roupão, desceu as escadas e foi ao quintal sem acender as luzes. O cão estava a rressonar. O luar era ténue, de um menisco em quarto muito minguante, já quase lua nova.

Aproximou-se do alto muro, mas dali nada se via e ainda ouvia pior os sons vindos do bosque. Poderia ir buscar a escada à garagem, mas iria fazer algum barulho e dificilmente a conseguiria encontrar às escuras.

Voltou para dentro e pensou em telefonar para a Polícia, mas, ao aproximar-se da janela, ainda no lusco-fusco, só com a luz do quarto acesa, espreitou de novo pela janela e viu as luzes vermelhas de dois carros a afastarem-se.

Foi aquecer leite, bebeu um copo e deitou-se, passava das quatro.



II

LUZ ABUNDANTE

- Bom dia Dália. Estás linda com o vestido verde-água, liga com os teus olhos, mas tens um ar cansado...
- Olá Rosa. Também não estás mal, de calças pretas e blusa branca. Anda mouro na costa, não?
- Pareces a minha mãe, que diz coisas dessas. Não há mouro nenhum! Mas o que se passa contigo?
- Já te conto, depois de acabar a bica... Senhor Abrantes, estão aqui dois créditos para pagar os cafés!
- Obrigado dona Dália, até logo. Um bom dia de trabalho para as senhoras!
- Quase não dormi. Deixa passar este carro e já atravessamos. Tive uma noite horrível, levantei-me para fumar e vi movimentos suspeitos no terreno por trás da minha casa. Não sei o que era aquilo, até fui ao quintal mas não vi nada, apenas ouvi vozes e vi vultos à distância. O Tejo nem deu sinal, sempre achei que o *pointer* não é um bom cão de guarda, só deve ter faro para a caça.
- A que distância estavam?
- Não sei, para aí 150, 200 ou 250 metros, nunca fui boa a avaliar distâncias, então no escuro...
- Se todos os cães ladrassem sempre que há gente a 200 metros, a Humanidade já os tinha tornado afónicos... Bom dia senhor Caldas!
- Bom dia meninas!
- Este porteiro trata-nos sempre por meninas.
- E então, não somos, Dália? Eu ainda só tenho 32, mas tu já com 35 anos, dois filhos e um divórcio, comesas a ser pouco menina...
- Pois... Suspeito que fosse contrabando, ou estavam a enterrar alguma coisa!
- E os miúdos não deram por nada?
- Estão esta semana toda com o pai, fiquei sozinha em casa. Entra tu! Isto agora tem imensa luz, vemos tudo desde que forraram os elevadores com espelhos, até as imperfeições. Tenho de vir para aqui pintar-me, mas agora, que só vamos as duas, há pouco que ver, só os teus

cabelos negros e os meus caracóis loiros preenchem quase todo o campo visual. Repara aqui no espelho, estou com mais sardas! Coisas do verão...

- Deixa lá, apesar dos meus olhos azuis, ainda tenho, na pele, os vestígios duma bisavó angolana. A vantagem é que me queimo menos na praia e não me aparecem sardas... Acho que devias arranjar um namorado, pelo menos, nas noites em que estás sozinha, dormias melhor!

- Pois é... Não sei se lá foram só nesta noite!

- Dália, estás a ouvir o que eu digo?

- Sim, estou! Mas agora não quero homem nenhum. O que estou a dizer é que já há muitos dias que não tinha insónias, se calhar havia qualquer coisa no ar, tempestade magnética ou coisa parecida, que me fez dormir mal. Deve ter havido alguma aurora boreal, austral, equatorial... sei lá! Depois confirmo se houve mais gente com insónias. E tu, dormiste bem?

- Equatorial?? Só se a Terra tiver vários polos magnéticos! Quando as auroras forem equatoriais, já nenhuma de nós cá estará! Por acaso não dormi bem, mas não fui fumar, é vício que não tenho, fiquei às voltas na cama e dormi intermitentemente!

- Eles talvez lá tenham ido noutros dias em que não acordei...

- Sétimo andar. Almoçamos logo?

- Claro, Rosa. Queria telefonar ao Gouveia...

- ...O teu amigo que era da Judiciária?

- Esse mesmo...e falar-lhe das minhas suspeitas, mas tenho um dia cheio de trabalho por causa das encomendas que têm de sair hoje. Até logo!

- Até logo!



III

ILUMINAÇÃO ZENITAL

Dois dias depois, por volta das três da tarde, Dália estacionou o carro mesmo à porta de Gouveia e dirigiu-se para o portão, atrás do qual já se encontrava a Guadiana, uma *Golden Retriever* que abana a cauda e pede festas a qualquer pessoa. Apareceu logo o Mondego, imediatamente a ladrar, este rafeiro malhado, sim, era um bom cão de guarda, que dava sinal sempre que aparecia alguém.

Foram no jipe de Gouveia, que tinha espaço para acomodar os dois cães e por ser mais adequado às esperadas irregularidades do terreno. O trajeto demorou mais de trinta minutos, pois a estrada junto à praia tinha o movimento habitual de verão. À frente do arvoredado, que ladeava o caminho, existia um baixo muro de pedra, ao longo de alguns quilómetros. Do lado direito, para onde teriam de virar, uma abertura dava acesso ao desvio de terra batida, que era o único nas proximidades. Junto à interrupção do muro, pregada numa árvore, do lado esquerdo, uma tosca placa de madeira, pouco visível da estrada, tinha pintadas à mão as letras: “Liça” e uma seta por baixo, a apontar para a direita.

Chegados ao local, um quilómetro depois, o antigo inspetor da Judicária voltou a lembrar aquilo que já dissera a Dália pelo telefone, que a invasão de propriedade é ilegal sem um mandado de busca, mas iriam correr o risco, para satisfazer a curiosidade e esclarecer as suspeitas. Para além das paliçadas de madeira, que se estendiam por pouco mais de 50 metros para cada lado perpendicularmente ao caminho, não viram qualquer vedação ou portão, apenas marcos, no seguimento, a delimitar a área e a seguir, paralelamente, uma fila de estacas espaçadas entre si, cerca de cinco metros.

O solo mostrava muitos vestígios de rodas de carros ligeiros e pesados.

Saídos do jipe, mal passaram a barreira de arvoredado, depararam com uma construção de dimensões consideráveis, aspeto sólido e planta retangular, quase com a altura correspondente a dois pisos. Um dos lados menores tinha uma ampla porta metálica, castanho-avermelhada, de dupla folha e três conjuntos de argolas com cadeados, colocadas a alturas diferentes. Este edifício não era visível da janela de Dália, por estar atrás das árvores. Aparentemente não havia vestígios de solo revolvido, apenas mais estacas de madeira cravadas a distâncias regulares ao longo de uma clareira que tinha quase a área de um campo de futebol, mas que, apesar dos binóculos que usaram, também não era visível da janela de Dália, de onde tinham feito as observações preliminares no dia anterior.

O edifício estava pintado com um padrão semelhante ao dos tecidos camuflados usados pelos militares, em tons de castanho, ocre e verde. Talvez por isso fosse difícil vê-lo à distância.

Contornaram-no, com os cães a farejar tudo. Só havia a porta que tinham visto inicialmente e grelhas de ventilação, em cima e em baixo, com grades, que impediam a observação do interior, pois não era possível retirá-las. Não viram beirais, mas o edifício tinha tubos de queda entre o topo e o chão. Existia, portanto, algum sistema de drenagem das águas pluviais e a cobertura deveria ser em terraço ou com águas pouco inclinadas. Do lado oposto à porta, deram por um portão metálico, pintado com o mesmo padrão camuflado, mas basculante, que só devia ser possível abrir do interior.

Começaram a ouvir o chilrear dos pássaros, que, provavelmente, teriam ficado em silêncio com a aproximação do jipe. Aperceberam-se de movimentos junto à vegetação rasteira atrás das árvores, onde viram, de relance, dois coelhos bravos a correr. De imediato, os cães foram atrás deles, ficando audíveis os seus ladridos cada vez mais distantes, mas os lagomorfos chegaram a tempo à lura.

Embora estivessem com algum receio de serem surpreendidos pelos indivíduos que Dália vira na noite de insónias, arriscaram e Gouveia foi ao jipe buscar o jogo de gazuas. Demorou cerca de cinco minutos e abriu todas as fechaduras, tendo o cuidado de deixar a porta apenas entreaberta, só o suficiente para caberem ambos e os cães, que entretanto tinham regressado, em resposta ao assobio do dono. Mondego entrou imediatamente e a seguir, Guadiana.

O interior era muito mais iluminado do que a ausência de janelas podia deixar prever. Três enormes claraboias, colocadas a distâncias regulares, deixavam entrar a luz vinda de cima. As paredes e o teto, forrados com madeira de cor clara, davam ideia de que a construção ainda era maior e contribuía para acentuar o pé-direito.

Junto à entrada, de um dos lados, estava um quadro elétrico com vários disjuntores, correspondentes a diversos circuitos e identificados como: tomadas, iluminação, exterior e climatização. Isto levou-os a reparar que todas as grelhas de ventilação tinham acoplados aparelhos de ar condicionado.

De ambos os lados da porta, encostadas à parede, sólidas escadas davam acesso a um varandim, a cerca de dois metros e meio de altura, que contornava o edifício. Tudo de madeira, os degraus e o pavimento claros, no tom das paredes, o corrimão, o guarda-corpo e a balaustrada escuros. Por baixo da claraboia central, uma parede que não chegava ao teto, apenas à base da plataforma, tinha uma larga porta de correr, aberta, como que a separar secções diferentes do espaço. Havia armaduras medievais de ambos os lados, colocadas, de pé, junto às paredes esquerda e direita, em suportes apropriados, ao longo de vários metros. Algumas das mesmas eram mais reluzentes do que as restantes, parecendo que umas eram de ferro polido ou pintado e outras de prata ou aço inoxidável. Lanças, archas, alabardas, espadas, maças, bestas, arcos e alvos encontravam-se pendurados ao longo das paredes, em expositores com fundo verde-claro, aparentemente de feltro, com molduras da mesma madeira escura usada no corrimão.

Sobre estrados colocados no chão estavam caixotes com aljavas colocadas na vertical, cheias de setas e flechas.

Gouveia percebeu, nessa altura, a inscrição que vira na placa de madeira junto ao desvio e ocorreu-lhe de imediato a única explicação possível: Torneio Medieval, o ilícito do momento.

Várias arcas abertas, dispostas lado a lado, continham cotas de malha, adargas, túnicas e outras peças de vestuário.

Em cima de outros estrados estavam selas, armaduras, arreios, estribos e gualdrapas para cavalos.

Mais adiante, tábuas largas, em compridas placas, decoradas com brasões pintados e recortadas em ogivas num dos lados estavam encostadas umas às outras. Frisos, onde se repetiam motivos estilizados, que representavam pontas de lança ou flores de lis, águias, cruzeiros e leões adornavam o outro. Deparam-se ainda com bandeiras e estandartes de vários tamanhos e cores, montados nos respetivos mastros, mas empilhados, deitados sobre mesas enormes.

Dália e Guadiana entraram numa divisão, com paredes e porta de vidro, que provavelmente seria o escritório, apenas com cadeiras, duas mesas, alguns papéis, caixas de cartão e pastas vazias em estantes.

Em frente ficavam as instalações sanitárias, cujas paredes chegavam ao varandim, mas eram abertas por cima. Devia haver água canalizada, provavelmente vinda de depósitos na cobertura, pois viam-se canos que ligavam ao teto. Ao lado, uma arrecadação com materiais de limpeza.

A seguir, uma espécie de oficina de ferreiro ou serralheiro e em frente uma de marceneiro ou carpinteiro, a avaliar pelas ferramentas existentes em ambas.

Para lá da porta de correr, vários compartimentos com paredes de vidro a separá-los uns dos outros. Quase todos estavam apetrechados com equipamento médico-cirúrgico. Eram verdadeiras salas de operações, que tinham cobertura, embora também de vidro. O varandim era um excelente posto de observação, exceto para a unidade de Raios X, que tinha o teto opaco, alojada de um dos lados, entre duas das salas de cirurgia.

Por fim, antes do largo portão do topo, que realmente era basculante e comandado do interior, frente a frente, só com o largo corredor de acesso à porta a separá-los, estavam dois grupos geradores de eletricidade, insonoros, de acordo com as placas existentes no exterior e com capacidade para debitar 5000 kVA cada, inativos naquele momento, ambos com um largo tubo metálico, na vertical, encostado à parede, direito à cobertura, provavelmente a desempenhar as funções de chaminé. Por cima de um destes geradores, a partir do varandim, uma escada, com uma porta metálica no topo, dava acesso, pelo interior, à cobertura.



IV

LUZ SOBRE O PASSADO

- 'DÊGO! 'ANA! Vamos embora! Entra. É incrível. Vou fazer a denúncia, mas estes tipos são muito difíceis de apanhar, há gente muito influente metida nesta abominável atividade. Trata-se dum negócio muito lucrativo com apostas e prémios chorudos. Custa a crer como há quem pague para assistir a esta selvajaria!

- Espera, olha o que tirei do escritório! Não fui eu, foi a Guadiana que encontrou a caixa aberta onde estavam estes convites, depois tirei três. Não são nominais, repara!

- Vamos pela direita, que deve ser mais perto! Quando vínhamos para cá, andava a apalpar terreno... Estás maluca?! Aquilo é uma carnificina, por todo o lado onde estes torneios se realizam, há sempre gente ferida com gravidade, mutilada e às vezes até há mortos. Os jornalistas, que metem o nariz em tudo, até têm medo de denunciar isto!

- Mas é já daqui a um mês, vamos assistir e depois fazes a denúncia!

- Queres mesmo correr o risco, podemos ser apanhados. E para quem é o outro convite?

- Para a minha amiga Rosa!

- Aquela morena escultural de peito grande?

- (*Homens... são todos iguais!*). Pois, essa mesmo... e dos olhos azuis. Já reparaste nos olhos dela?

- Hã...? Acho que sim!

- Achas? Então repara! Ou só lhe tens olhado para o decote e não vês mais nada? Não tenho interesse nenhum em referir as minhas medidas, deixei de ser escultural depois do último parto, as minhas calças passaram a ser um número acima das da Rosa, mas usamos a mesma copa, trocávamos sutiãs quando vivemos juntas durante o mestrado!

- Estás muito em forma, um número acima não é nada, só que tu eras a mulher do Viseu, o meu melhor amigo e mulher do amigo é assexuada. Por muito atrativa que fosses, eu nunca iria ver-te como fêmea, portanto, os teus atributos corporais, para mim, estão postos de lado, desculpa! Aquilo que nos liga está muito para lá da atração sexual, as pessoas valem muito mais do que o aspeto físico.

- (*Afinal, talvez este seja ligeiramente menos igual...!*). Não precisas de pedir desculpa, até agradeço que seja assim! A Rosa foi minha colega na Faculdade, mas ela entrou quando eu já estava a sair, depois fizemos o mestrado juntas em Florença, porque eu fiz uma pausa nos estudos, tinha começado a trabalhar, ainda antes de conhecer o Viseu.

- Queres mesmo ir assistir àquilo? Arriscas-te a ver cenas de extrema violência. Reparaste que as espadas têm gume, que as lanças dos duelos são metálicas e não de madeira, que há flechas farpadas?

- Farpadas?

- Também lá estão com pontas metálicas em forma de losango ou foliáceas, até as vi com o simples cone, para o normal tiro ao alvo. Mas as farpadas causam sempre um grande estrago, mesmo quando removidas cirurgicamente, a não ser que atravessem o corpo e seja possível retirá-las pelo lado oposto. Normalmente eram usadas na caça, mas suspeito que aqui a caça seja uma espécie de combate! Só não percebi porque é que as hastes das flechas e das setas têm pintados anéis coloridos, diferentes conforme a aljava. Se calhar destinam-se a modalidades distintas...

- Sei que é arriscado e as armas todas assustam-me, mas eu quero assistir àquilo. Repara, tirei umas fotos, estão aqui as armaduras! Algumas têm um ombro maior que o outro...

- Manda-mas, que eu quero mostrá-las ao Braga quando fizer a denúncia! As da ombreira grande dispensam o uso do escudo, é como se ele estivesse integrado no braço. Nestes torneios montam-se hospitais de campanha, mas aqui as instalações médicas já lá estão! E quanto nos custa a brincadeira?

- Umas roupas da época e 100 créditos. Está tudo no convite, até tem sugestões para o calçado, que deve ser parecido com o medieval, não querem saltos, nem ténis ou sapatos vela!

- És louca, mas está bem!



V

CLARIDADE ATRAVÉS DAS LENTES

Na segunda-feira seguinte, Dália, assim que chegou a casa, depois do trabalho, foi, com os binóculos, observar o local, mas atrás da janela, com receio de ser vista. Ouvia ruído, de vozes e ferramentas, mas a hora era incómoda devido à altura do Sol, que ficava praticamente em frente, de onde resultava uma observação em contraluz, na qual apenas se percebiam silhuetas a entrecortar o halo luminoso. No entanto, conseguiu notar, pelas aberturas que a folhagem proporcionava, algum movimento no local onde tinham estado dois dias antes.

Uma boa parte do equipamento podia lá ter sido colocado durante a noite de insónias, mas agora estavam a construir a arena e as bancadas, embora apenas numa fase inicial. Pareceu-lhe que os responsáveis por aquela insanidade estavam a perder a vergonha, pois, aparentemente, tinham deixado de se preocupar com a discrição.

Nos dias que se seguiram, esta observação tornou-se um hábito, apesar de feita sempre com a luz excessiva a dificultar. Percebeu o crescimento da estrutura, deu pela presença de um camião, do qual estavam a descarregar material. Reparou que se viam cores para além dos tons do arvoredado e da vegetação rasteira e deu pelas arquibancadas de frente a tomarem forma, enquanto era construída a armação das que iriam ficar de costas para a sua janela.

Só no fim de semana seguinte, conseguiu fazer observações sem ter o Sol de frente, pois estava em casa a horas normais, mas pouco notou para além das bancadas mais distantes, que já tinham muitos elementos decorativos colocados, porque a carcaça das opostas, agora em fase adiantada de construção, lhe tapava grande parte do campo de visual.

Pareceu-lhe que o recinto ficaria retangular ou em forma de “U”, com o lado aberto para a sua direita. Aí, apenas se reconheciam estacas altas com placas, aparentemente com números ou letras, mas não ficou com a certeza, pois estavam voltadas para um lado que não permitia observação clara.

Este ritual prosseguiu com uma frequência quase diária, mas pouco se podia observar, porque as costas das bancadas obstruíam a visão.

Na última semana o recinto passou a ter luz durante a noite, ainda que escassa, mas suficiente para se perceber que havia por lá iluminação. Os geradores já funcionavam. O seu silvo abafado, quase inaudível, ouvia-se à distância.



VI

CORES LUMINOSAS

- Posso?

- Sim, entra Rosa! A Violeta está de saída, já acabei o serviço com ela, mas ainda me vai trazer um café. E tu, queres café? Não é igual ao do senhor Abrantes, mas...

- Quero, eu gosto deste café de saco! Para além disto, estamos a sete pisos e uma rua de distância da Pastelaria Abrantina.

- Violeta, então traga também uma bica para a doutora Rosa.

- É para já, com licença!

- Espere, Violeta. Diga à Papoila que eu estou aqui, ela que me passe para cá as chamadas, se vier alguma importante.

- Com certeza, doutora Rosa!

- Então, Rosa, que tal a Papoila como secretária substituta?

- Impecável, adaptou-se perfeitamente. A Orquídea pode ficar de licença todo o tempo necessário, que eu estou bem servida.

- O bebé só nasce daqui a um mês, portanto ainda vai ficar uns tempos sem voltar. Anda, vamos ali para a mesa das reuniões, que tem cadeiras mais confortáveis e não está cheia de papéis.

- Dália, sempre gostei mais destas cadeiras azuis claras do que das minhas vermelhas.

- Mas o tecido é igual, só que o teu gabinete tem decoração diferente, um bocadito mais austera, como tu...

- Provavelmente é por ser verão, mas sinto-me mais confortável nas azuis... Aqui há mais luz, é tudo mais claro, apesar de as minhas janelas serem voltadas para o mesmo lado... Só que esta mesa é teca e a minha é mogno, depois, as tuas paredes são brancas e as minhas cinzentas...

- ...Mas claras! Então? E tens a roupa pronta? É já no próximo sábado!

- ...E no domingo e na semana seguinte, pelo que li no convite, são dois fins de semana seguidos. Está tudo pronto, até já encontrei a carteira que uso em viagem por baixo da roupa.

- Tenho uma igual, pronta a usar, sabemos que, segundo o convite, nada de malas de mão, sacos ou mochilas, vai tudo nos bolsos ou por baixo da roupa. Também, nada de telemóveis, câmaras ou relógios no pulso.

- Claro... temos de ir de mãos a abanar, mas eu sinto sempre a falta da mala ou duma bolsa de mão.

- Se calhar até nos revistam à entrada...

- Ai, Dália, se me vão revistar, espero que seja *Sir Lancelot* a fazê-lo, aquela armadura branca fascina-me...

- Andas a ver muito cinema, mas sabes que a armadura branca era sinal de inexperiência?!

- Deixa-o nas minhas mãos e vais ver que a inexperiência lhe passa...

- Rosa, estás a brincar, mas eu estou apreensiva, o Gouveia conseguiu assustar-me mesmo.

- Não liguês! São as situações de stresse, que me dão para disparatar. Também estou com algum medo.

- E já tens o dinheiro?

- Uma nota de 100 e o respetivo envelope. O convite é claro: "*Mínimo 100 créditos em notas, por cada dia de assistência, entregues, em envelope fechado, no ato da entrada, sendo devolvido o convite, para reutilização, exceto no último dia*"... Reparaste que num dos cantos estão três quadradinhos por baixo da palavra "Entradas"? Devem ser para lá irem colocando umas marcas! E leste as pequenas do outro lado? Se fores participar são 1000 créditos por dia, mas precisavas de ter feito a inscrição até ao sábado passado!

- Não vou participar, mas se lá fossemos os quatro dias, a brincadeira custava-nos 400 créditos. O Gouveia emprestou o convite dele ao Braga, que o reproduziu, igualzinho -diz ele-, umas trinta vezes e vão lá estar outros tantos agentes infiltrados. Vamos ver se aquilo não dá confusão e se eles arranjam 100 créditos para cada um, pois desconfio que a verificação é feita logo à entrada.

- Só pode ser. Espero que não haja confusão, pelo menos enquanto eu não assistir a uma justa. Nunca vi nenhuma nas feiras medievais que há por aí de vez em quando... Pode ser que os homens do Braga só apareçam no último dia.

- Dá-me licença, doutora Dália?

- Entre, Violeta!

- Estão aqui os cafés e já preveni a Papoila!

- Obrigada! Pode deixar aqui o tabuleiro. Até amanhã, Violeta!

- Até amanhã!

- Então nunca assististe a uma justa? Eu também não. Há quem as confunda com os torneios... Mas a justa é apenas um duelo, que podia, ou não, estar integrado no torneio.

- Dália, nem percebo porque se chama assim.

- Parece que era porque, supostamente, se fazia justiça... ou por ser um combate justo, isto é, ambos os pelejadores possuíam equipamento idêntico e qualquer um dos dois pretendia uma solução justa. No fundo era para ajustar contas entre os oponentes, para se praticar uma vingança. Numa fase posterior, quando passou a haver regras, o desafio começava, normalmente, com o desafiador a apresentar o seu libelo, por escrito, ao condestável. Este tentava um apaziguamento, cujas negociações podiam demorar mais de um mês, a lide era a última solução, cada cavaleiro jurava, sobre os Evangelhos, que defendia uma causa justa e, antes do combate, um sacerdote fazia-os beijarem um crucifixo. A razão era dada ao vencedor.

- Mas isso não era um ordálio?

- Não! Embora a origem da palavra “justa” talvez possa vir daí. O ordálio, cuja génese é anterior à Idade Média, era o juízo de Deus, uma prova bem mais arriscada e dolorosa, normalmente com fogo ou água a ferver, que, se fosse concluída sem ferimentos, teria sido graças à justiça divina, a mais justa de todas. Mas esta tese, de relacionar as justas com ordálios, não tem muitos defensores, parece apenas mais um exemplo do que se poderá pensar do fervor religioso da Idade Média... Tudo o que existia ou acontecia, era “Graças a Deus”. Lembras-te da lenda de Guilherme Tell e da maçã? Podia ter sido um ordálio.

- Isso é confuso, Dália!

- É, mas chegou a haver lutas voluntárias, nas quais a acusação não era grave, também com regras a respeitar e juízes que zelavam pelo seu cumprimento.

- ...E houve sempre regras e juízes?

- Algumas, mas poucas! Por exemplo: A lança do vencedor tinha de se quebrar no momento do choque com o adversário e quanto mais perto do punho se partisse, mais pontos ganhava. Mas o derrotado tinha de cair devido ao impacto do golpe, não pela perda de equilíbrio, os juízes estavam lá para clarificar as situações dúbias. Isto disse-me o Gouveia, que andou a estudar estas coisas, pois, a seguir ao Direito, foi dois anos para o estrangeiro fazer uma especialização sobre Armamento na História da Justiça.

- Mas era garantido que as lanças se partiam?

- Não sei, mas mesmo sem se partirem podia haver feridos, quer devido às armas ou por caírem dos cavalos, depois, no chão, a luta podia continuar com as espadas e maças. Só já quase no final da Idade Média foi colocada a barra de madeira entre os adversários, para que os cavalos não fossem um contra o outro, provocando a queda dos cavaleiros. A Igreja começou por desaprovar os torneios devido à violência, embora permitisse o uso de armas contra os infiéis... mas aqui era em nome de Deus.

- Então os torneios deviam era ser contra esses infiéis.

- Se isso fosse possível... Inicialmente, os combates não eram individuais e anárquicos, como se chegou a julgar, mas, embora se assemelhassem quase a batalhas reais, mortíferas e sem regras, existia alguma ordem naquilo. Eram lutas coletivas. Duas famílias formavam outras tantas esquadras compostas por cavaleiros, escudeiros e arqueiros, e lutavam uma contra a outra durante vários dias. Nessa altura ainda não havia textos acusatórios dirigidos a ninguém, nem juízes ou o que se parecesse.

- Lutavam por que motivos, Dália?

- Sei lá! Desavenças diversas, ódios antigos, posse de terrenos, honra de alguma donzela ou apenas como treino para os dias futuros... A verdade é que o prazer da violência era uma constante na nobreza medieval, para a qual era muito importante mostrar constantemente a bravura e estas disputas, ótimas para isso, passaram a ser um desporto de elite ou de candidatos à elite... A maior parte dos torneios, justas e passagens de armas, serviam para agrupar cavaleiros e prepará-los para a guerra. Com o passar do tempo, foram criados mais princípios e outras boas intenções a reger estes desafios, que também serviam para obter fama, dinheiro ou o amor de uma mulher, normalmente da nobreza, que assim era cortejada desta forma tão “interessante”.

- Interessante mesmo, Dália! Lembro-me das aulas da professora Gardénia, as damas davam qualquer coisa aos cavaleiros, que eles conservavam religiosamente e levavam consigo, assim elas conseguiam fazer deles o que quisessem e levavam-nos frequentemente a cometer excessos em nome do amor cortês...

- Também fui aluna dela! Chegou a haver aquilo a que se pode chamar “adultérios platónicos”. Também houve dos reais, cometidos pelas damas com os cavaleiros vencedores...

- Ai, como eu gostava de ser cortejada por um cavaleiro de lança em riste... já agora por um rei!

- Só se for um rei de armas, que era uma espécie de secretário do monarca. Mas, embora tenha havido exceções, os reis raramente se metiam nisto, podiam assistir, só que normalmente não arriscavam o corpo em encontros profanos, condenados pela Igreja, mas houve por lá muito nobres.

- Está bem, um nobre serve. Pelo menos que seja nobre de carácter.

- Mas há mais, Rosa! Para aí no século XIV, quando já estavam definidas quase todas as regras das justas, a Igreja acabou por retirar a proibição, então os torneios passaram a ser jogos e espetáculos. O vencedor ganhava pelos pontos marcados, contabilizados por juízes ou arautos. Ficava desclassificado quem ferisse o cavalo ou atingisse a sela do adversário. Estes desafios ganharam grande popularidade a partir do século XII e mantiveram-se até ao XVII, época em que vigoravam normas bastante rígidas... Agora, não sei que regras terão inventado, para já, segundo o Gouveia, as lanças nem se devem partir facilmente, pois são metálicas, tubos de alumínio ou liga de titânio de formato cónico muito alongado. Ele levantou uma e achou-a muito mais leve do que se fosse de madeira...



VII

FEZ-SE LUZ

Chegaram ao local exatamente à hora que o convite indicava. Logo a seguir à paliçada, que agora estava completa e tinha portão, mas aberto, estavam, a indicar o caminho para o estacionamento, escudeiros usando indumentárias tipicamente medievais, pretas, com sobrevestes brancas debruadas a vermelho, todos ostentando um castelo negro estampado no peito e um largo cinto de couro.

Já se encontravam inúmeros carros naquela área enorme onde Dália vira as estacas com números, que indicavam os vários setores. Todos os espaços entre as árvores, eram caminhos de acesso devidamente sinalizados e livres de vegetação, disponíveis para arrumar viaturas. Admitindo que o lado oposto àquele onde estacionaram tivesse dimensão idêntica, deviam caber ali milhares de veículos. Arrumados ao fundo, junto à vedação, estavam os atrelados e veículos pesados onde tinham sido transportados os cavalos e o material de maior envergadura. Os mais distantes eram dois grupos geradores de eletricidade, a funcionar e maiores que os do edifício camuflado.

Orientaram-lhes o caminho, a pé, até uma vedação metálica, de grossos arames verticais pintados de verde, que contornava todo o recinto, interrompida por um portão fechado, ao lado do qual havia vários cubículos de madeira, lado a lado, com recortes de ameias no topo, que funcionavam como gabinetes de receção. Já se ouvia a algazarra da assistência e, pelo elevar e baixar do volume sonoro, percebia-se que as atividades já tinham começado.

Escolheram a fila mais curta, das vinte existentes e aguardaram.

Os espaços de receção eram pouco mais que corredores. Tinham uma porta aberta em cada extremo e duas mesas, lado a lado, ao longo de uma das paredes. Dois indivíduos enroupados de forma semelhante aos anteriores, mas exibindo um leão vermelho no peito, tratavam das verificações. Entregaram os convites mais os respetivos envelopes, imediatamente abertos e viram o conteúdo colocado num cofre metálico.

Sáiram pelo lado oposto àquele por onde tinham entrado. Receberam os convites de volta, furados, em forma de cruz, no local correspondente à primeira sessão e com uma pequena marca carimbada onde estava representado um leão rampante, semelhante à imagem que os controladores exibiam na túnica. Imediatamente abaixo estavam caracteres em sequência, compostos por um número romano, uma letra e números arábicos, correspondentes à bancada, linha e lugar. Cada convite trazia agrafada a planta esquemática do recinto, onde se encontravam assinaladas as zonas de Apostas, Instalações Sanitárias, Posto Médico, Armeiros, Área de Restauração, Cavalariças, a Entrada, por onde tinham acabado de passar, a Saída, que era o portão metálico fechado e outras infraestruturas de apoio. O edifício camuflado tinha a

designação de Serviços Técnicos. A planta incluía ainda a arena e os números romanos correspondentes aos vários setores das bancadas. No reverso da folha estava o programa de atividades para o dia.

Circulavam grupos trovadores com alaúdes ou cítolas, que entoavam, em coro, cânticos apelando ao espírito guerreiro, à justiça e à nobreza, mas sempre em prol do amor...

Mais adiante, jograis e menestréis, instalados numa espécie de palanque com cobertura cônica verde, de lona, e ameias invertidas, reproduziam antigas canções de gesta.

A tenda das apostas era enorme, tal como as enfiadas de apostadores. À entrada, um painel eletrónico indicava as várias modalidades e os nomes fictícios dos intervenientes nas diversas provas do dia. Não a viram por dentro, contornaram-na e seguiram em direção à arena.

Ficaram do lado da entrada, virados para as traseiras da casa de Dália, que, naturalmente, não era visível. Recorrendo à planta e à observação visual, Gouveia fez uma contagem sumária do número de lugares e admitiu que seriam entre 10 000 e 12 000.

Decorria uma prova de tiro com arco, mas, segundo lhes pareceu, era estranhíssima, pois, quase encostadas às bancadas de cada lado, estavam duas fileiras, posicionadas frente-a-frente, a cerca de 50 metros uma da outra, constituídas alternadamente por arqueiros e alvos, distanciados menos de um metro entre si. Cada atirador tinha de saber qual o seu e acertar-lhe, evitando atingir qualquer dos 25 indivíduos na linha de frente. Todos usavam sobrevestes de tecido com um número nas costas, igual ao que os escopos apresentavam atrás, mas que os competidores não viam. Perceberam, pelas falhas na sequência desta numeração, que já tinham sido eliminados mais de 30. Afinal, o armamento que tinham visto na visita furtiva, era apenas uma pequena amostra do que ali estava a ser usado. Os juízes presentes, arautos, capitães de tiro, oficiais de campo e diretores de tiro usavam cotas de malha, que os poderiam proteger. O mesmo não se passava com os concorrentes, que nem sequer tinham qualquer proteção para a cabeça que os resguardasse das flechas extraviadas. Não existia nenhuma barreira que as impedisse de atingir o público do lado oposto, nem a barra das justas, que já se encontrava instalada. As hastes estavam ornamentadas com anéis coloridos que permitiam identificar quem as teria disparado, pois os arqueiros tinham, no peito, uma série de linhas verticais com a mesma sequência de cores. Todos os alvos incluía, logo abaixo da coroa circular exterior, um retângulo pintado, com riscas, idêntico ao que o atirador correspondente exibia à frente. Gouveia entendeu a razão das cores nas hastes, que vira um mês antes.

Repararam que, na fila do lado oposto, já havia vários alvos com flechas cravadas no círculo amarelo central, algumas, mas poucas, na coroa vermelha que o envolvia, quase nenhuma na azul e na mais exterior, negra, ninguém tinha acertado.

Mal se sentaram, um dos participantes, de costas, foi atingido num ombro, provavelmente porque se aproximara demasiado do alvo à sua direita, enquanto apontava ou colocara-se numa posição mais frontal do que a regulamentar. Os juízes levantaram bandeiras vermelhas, ouviu-se uma sequência de apitos e a competição parou momentaneamente. O atirador ferido foi levado, numa espécie de maca, para fora do recinto e a sua mira com o respetivo cavalete, no lado oposto, retirada da sequência, mas os arqueiros foram reposicionados de forma a

manter-se a mesma sequência de alvo-homem. Os elementos de um dos topos ocuparam os lugares vagos, ficando assim as filas ligeiramente mais curtas. Esta operação demorou cerca de 3 minutos. Bandeiras verdes no ar e o som de trombetas reiniciaram a competição.

A prova prosseguiu durante algum tempo, com os concorrentes a saírem, à medida que eram eliminados. Ficaram mais quatro feridos, mas sem gravidade, podiam ser tratados no Posto Médico, uma vez que não era nada que requeresse grande cirurgia.

Quando já só restavam seis arqueiros em ação, Dália levantou-se para ir às Instalações Sanitárias, pois, de acordo com o programa, seguia-se a primeira justa do dia, depois seria um combate de lança e alabarda, e ela queria assistir às duas provas sem qualquer interrupção a que uma necessidade fisiológica obrigasse. Rosa ainda propôs acompanhá-la, mas a amiga disse-lhe que não era necessário, pois a planta era clara no que respeitava à localização do espaço.

Encontrou facilmente o local, quatro filas de 50 sanitários químicos portáteis lado a lado, com corredores entre elas. Viu um cavaleiro, quase completamente equipado para a justa, com uma Cruz de Santiago no peito, entrar para o cubículo ao lado.

Quando saiu, resolveu ir espreitar os cavalos, instalados numa enorme tenda logo ao lado e entrou, apesar do aviso colocado à entrada que apenas permitia o acesso aos concorrentes. Armaduras diversas ali estavam expostas, aparentemente prontas a usar, colocadas de frente das boxes. Só estava gente ao fundo, junto à abertura oposta da tenda, ninguém a vira. A primeira boxe tinha uma bandeira branca com uma Cruz de Santiago, idêntica à das vestes do indivíduo que vira na zona dos Sanitários. Enquanto observava o cavalo e o afagava, mas só à volta da testeira, uma vez que o equídeo já estava equipado para um combate, aproximou-se um grupo de cavaleiros e escudeiros. Mal teve tempo de pegar no escudo que estava encostado à boxe e afastar-se para junto das quatro armaduras em frente, escondendo-se atrás delas. Como os homens continuavam a aproximar-se, embora ainda sem a terem visto, porque vinham a conversar, decidiu envergar uma delas, achando que assim passaria despercebida. Por acaso escolheu a mais brilhante, que estava, num suporte diferente, atrás das restantes.

Conseguiu fazer esta operação de forma bastante rápida e estranhamente silenciosa, porém, mal tinha colocado as manoplas, um dos indivíduos começou a dizer-lhe que já estava na hora. Dália levantou o escudo com uma das mãos para tapar a cabeça, enquanto o colocava o elmo com a outra, pois não queria que a vissem, nem sabia o que lhe poderiam fazer se a apanhassem em zona interdita.

Baixou a viseira, afastou-se das armaduras vazias e já o cavalo tinha sido tirado da boxe por um dos escudeiros. Foi quase empurrada para cima dele, o escudo com a Cruz de Santiago fez com que a tomassem pelo cavaleiro. Ainda tentou esboçar um “NÃO”, imitando uma voz grave que nunca ouvira, mas foi inútil.

Colocaram-lhe uma lança nas mãos e levaram-na, em cima do cavalo, para a liça. Valeram-lhe as aulas de equitação que tivera em jovem, mas era tudo diferente - o contacto com a sela, a postura sobre a montada, os estribos, todas aquelas placas à volta e a falta de visão periférica

imposta pelo elmo. Sentia o coração a bater cada vez mais acelerado, recordou-se que a armadura era branca por dentro, ao notar que uma das manoplas, quando lhe passaram as rédeas para a mão, estava como que a descascar-se, revelando a cor branca por baixo do brilho metálico excessivamente reluzente e chegou à constatação atroz de que estava a usar uma armadura feita de plástico, não era real, apenas decorativa, revestida com uma película metalizada. Para ela não fazia sentido colocarem uma armadura fictícia junto às reais. Arrependeu-se imediatamente por ter escolhido a mais brilhante e nem tivera tempo para ajustar devidamente as peças.

Foi conduzida até à arena e fizeram-na parar, do lado direito, antes da barra. O oponente já se encontrava no outro extremo. Um Arauto anunciou o combate, onde Dália foi identificada como *Dom Guarda*, cavaleiro-mor da Ordem de Santiago, o que ouviu com extrema clareza, graças aos vários altifalantes colocados nos postes com estandartes, ao longo das bancadas.

A seguir soaram trombetas e um juiz deu início à prova, levantando uma bandeira verde decorada a silhueta estilizada dum cavalo branco.

O adversário avançou e Dália, que ainda não conseguira encaixar devidamente o escudo no braço, hesitou durante um ou dois segundos, mas logo a montada arrancou a galope. Apesar da leveza da lança, tinha dificuldade em mantê-la apontada à figura do oponente só com uma mão, pois a outra segurava as rédeas.

Quando estavam quase a cruzar-se, ainda a sua arma não se encontrava suficientemente elevada e a do outro cavaleiro vinha mesmo direita a ela, praticamente sem oscilar.

Deu-se o impacto. Num instante, Dália largou as rédeas e os pés soltaram-se dos estribos.

Sentiu a lança do oponente cravar-se, com toda a força, no lado direito do peito, enquanto a cabeça descaía bruscamente para a frente. Durante uma fração de segundo ainda vislumbrou o seu elmo, no ar, a acompanhar a deslocação da montada. Deu um grito horrível, sentiu uma dor cruciante, percebeu que foi arrancada de sela, como que projetada para trás e... acordou.

Estava com uma aflitiva respiração ofegante. Sentou-se na cama. A angústia fê-la demorar vários segundos a voltar à realidade. Com o coração a bater a um ritmo alucinante, levou a mão ao peito, onde ainda sentia a dor indescritível, à espera de encontrar sangue... Olhando, incrédula, para a mão limpa, levantou-se e dirigiu-se à varanda das traseiras, as pernas tremiam enquanto caminhava. A situação começava a tornar-se clara, mas ainda tinha dúvidas.

Já era dia. Tejo olhou para ela e saudou-a com um latido, mas voltou-se logo para o muro, em cima do qual se pavoneavam Gardunha e Marão, o casal de gatos da vizinha do lado. O terreno por trás dava para as traseiras de outra casa, que há anos lá estava, na frente da qual era uma rua e depois outra casa e assim sucessivamente, durante cinco quarteirões. Gouveia tinha um cão e uma cadela, o macho, um *Golden Retriever*, chamava-se Douro e ela, rafeira, dava pelo nome de Lima. O bosque mais próximo ficava a cinco quilómetros, a praia a oito e eram ambos do lado oposto. Dália nunca fumara. Tudo ficara transparente.

FIM

- Está... Rosa? Demoraste tanto a atender?!
- Estás louca ou quê? Mas isto são horas de me estares a ligar? E ao sábado?
- Desculpa, sei que são nove horas, mas preciso de te contar isto...
- Espera só um bocadinho, vou buscar um cigarro...